

**RELAÇÕES DE FORÇA E DEMOGRAFIA NO VALE DO PARAÍBA  
E EM MINAS GERAIS: ESCRAVOS, SENHORES E TERRAS.**

Djalma Augusto dos Santos Mello

10 / 10 / 2016

A historiografia nas últimas duas décadas e as constantes pesquisas dos historiadores acabam nos relatando o pensamento e o tratamento que os senhores de terra deveriam dar aos escravos, tratando-os como inimigos irreconciliáveis, inimigos públicos, causando uma grande preocupação dos senhores de terra em manter sob controle os escravos propensos à rebeldia ou possíveis sublevações, podendo comprometer a economia dos senhores de terra.

Não estando na contramão da maioria dos senhores de terra, mas com um discurso mais brando sobre o tratamento aos escravos, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, o Barão de Paty do Alferes desejava um tratamento mais humanista aos seus escravos e com menor rigidez, sem perder os resultados satisfatórios na colheita e comércio dos produtos agrícolas e preservando o seu material humano nas lavouras, sem perdas por doenças ou por desleixo dos próprios senhores ou devido à mão pesada dos feitores.

O Barão cita a cultura agrícola, mencionando o grau de conhecimento geográfico para o plantio de café, um solo devidamente rico em nutrientes e o tempo adequado para o plantio até o seu esgotamento. Plantava-se cana, arroz, feijão e chá, plantado por imigrantes chineses que chegaram no último quartel do século XIX em Bananal (SP). Repensando sobre o Brasil no século XIX, Ricardo Sales escreveu sobre as articulações dos cativos e a rebeldia devido o tratamento dos seus senhores no Vale do Paraíba

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

fluminense, entre Paty do Alferes e Vassouras, exigindo inclusive, o apoio do presidente da província do Rio de Janeiro através de tropas para o desmantelamento de quilombos que espalhavam-se pela província.

Ocorreram muitas fugas devido a falta de liderança e controle dos escravos pelos feitores, historicamente, conhecidos como os responsáveis pela ordem e passividade dos negros cativos, mas a sua função não limitava-se somente com estas funções. O feitor deveria ser também um "agregador" e não estimular revolta dos escravos, algo que preocupava todos os senhores de terra. Com isso, a nova historiografia desconstrói o anacronismo da historiografia tradicional, dizendo que, os escravos eram passivos. Os historiadores da terceira geração, com novas pesquisas e fatos, nos alimentam com uma nova abordagem, citando as articulações de fugas e movimentos entre eles como forma de sobrevivência, articulando de uma forma conscientemente o terror nas comunidades e fazendas, algo que Thomas Hobbes mensurou na sua clássica obra *Leviatã*: "O medo e eu somos gêmeos", assim como foi a postura dos senhores de escravos no Vale do Paraíba Fluminense, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco com os seus escravos.

### A DESORDEM INTRAEELITE

Mas nem sempre prevaleceu a ordem e a homogeneidade entre as elites, não só na Corte, mas também entre os membros da aristocracia rural. Alan de Carvalho Souza numa pesquisa ad oc dimensionou o individualismo e fortes interesses territoriais que confrontavam, inclusive, com os interesses da Corte e definidos pelo historiador Adelci Silva dos Santos como verdadeiros "senhores feudais", onde a lei prevalecia à ferro e fogo. Após a decadência aurífera nas Minas Gerais, o Caminho Novo serviu de

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

escoamento de diversos alimentos para o Rio de Janeiro. No Vale do Paraíba fluminense, especificamente na roça de Paty do Alferes que era dominado pelo capitão Tavares, um enorme latifúndio que aguçou o interesse pelo senhor José Oliveira Ribeiro, comprando a propriedade e formando uma paróquia, porém a Coroa desejava transformar uma parte da propriedade em vila que seria administrada pela nobreza da terra, necessitando naquele momento a construção de uma igreja matriz, consolidado, segundo o historiador Alan de Carvalho, como vila em 1820. Esta falta de homogeneidade favoreceu a insurreição de escravos em 1838, aterrorizando os senhores da terra.

A desordem senhorial, fruto das disputas territoriais e ganância pelo poder - chegou num estágio esquizofrênico entre as famílias mais tradicionais do vale do café - entre as famílias Ribeiro de Avelar, Werneck e o capitão-mor Manoel Francisco Xavier - com embargos públicos em espaços privados ou dos espaços privados para os espaços públicos. A força social e de alianças para evitar maiores transtornos sociais, foi a utilização do batismo católico nos cativos, escolhendo membros da sociedade ligada às famílias, como padrinhos de escravos diante da pia batismal e ocupando cargos públicos para administrarem suas propriedades, definido pelo historiador João Fragoso de "nobreza que vive em bandos", ou seja, facções sociopolíticas que apresentavam rivalidades entre famílias.

Essa desordem senhorial, comportamento e interesses individualistas desses senhores, foi decisivo para a insurreição de escravos, fruto da incapacidade do capitão-mor Manoel Francisco Xavier de manter a ordem privada e pública. Muitos senhores usavam a chibata e o catolicismo para manter o escravo numa condição de passividade e numa disciplina "militar", sobretudo, com os escravos mais exaltados. A Insurreição de 1838 levou para a morte Manoel Congo e Epifânio Moçambique, considerados os líderes do

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

movimento com o apoio de 200 escravos, aterrorizando a Corte com a desordem e senhores de escravos com a possibilidade do Brasil virar um novo Haiti<sup>1</sup>. Essa desorganização fez com que Paty do Alferes perdesse a condição de vila e levando este status para Vassouras em 1835. A quebra de costumes e de hierarquias preocupava e muito o Brasil desde o período colonial e absorvido através da chibata ou através da retórica escatológica.

A cultura dos costumes tradicionais eram chamados pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss de estruturalismo e por Fernand Braudel de "a longa duração", porém os costumes que eram homogeneizados facilitava e muito a organização de células sociais. Na cultura capitalista e cristã, a ociosidade poderia ser a oficina do diabo e o trabalho como força espiritual para dignificar o homem. Pierre Bourdieu fez uma investigação sobre os camponeses cabilas na Argélia em relação ao tempo, dentro de uma ótica escatológica sobre o futuro, com um olhar diabólico sobre a pressa e o relógio sendo vistos como "oficina do diabo". Natalie Davis tem um olhar sobre a violência religiosa entre católicos e protestantes no século XVI como forma de poder, "pureza" e unidade religiosa como cultura e defesa da comunidade, e não como conflito de classes, sem apresentar uma abordagem marxista. Segundo a historiadora, os protestantes defendiam seus costumes e os revoltosos eram contra as práticas sexuais de padres e magias, destruindo imagens. Os católicos consideravam os protestantes infiéis, hereges, que profanavam imagens, igrejas e que contaminavam os costumes sagrados da comunidade católica e esta preocupação era muito nítida no Brasil colonial e nos tempos do Império. Michel Foucault cita a hegemonia, um termo do filósofo Antonio Gramsci nas relações intermitentes que são tão comuns até hoje, nos tempos do Brasil colonial e no Império, existia a Monarquia polissinodal com vários poderes subdivididos em Câmaras e Igrejas para obterem o controle absoluto espiritual dos escravos

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

e a ordem, impedindo-os de manifestarem outras crenças com uma retórica escatológica sobre as almas dos negros do século XVI ao século XIX com a pureza, poder e unidade no Brasil entre a Monarquia e a Igreja e assim impedindo levantes de escravos.

Voltando para o Vale do Café, a escravidão no Brasil apresentou uma certa estabilidade até meados de 1860. Em 1866 Zacarias de Góes trocou correspondências com d. Pedro II sobre os rumos da escravidão no país. Os saquaremas desejavam manter a sua cultura de plantation, mas encontravam-se preocupados com a redução da mão de obra escrava no Brasil. Segundo Ricardo Salles, em 1850 o Brasil apresentava um quadro de 2.500.000 escravos e em 1888 apresentava um quadro infinitamente inferior com 500.000 escravos. Até 1865 o Brasil apresentava um quadro majoritariamente de escravos africanos, mas depois disso prevaleceu crioulos nas lavouras.

Após o surto do ouro em Minas Gerais, a antiga província sentiu uma leve queda na importação de escravos, corroborando com a historiografia brasileira ao citar que Minas Gerais manteve uma base de sustentação com a pecuária, laticínios, fumo e plantio de café no Sul de Minas, verticalizado em estudos pelo historiador econômico Roberto Borges Martins. Na leitura do Martins, a província recebeu entre 1850 e 1872, cerca de 320 mil escravos que foram importados da Bahia e Pernambuco, tendo como o epicentro econômico, na região Metalúrgica-Mantiqueira que apresentava um senso em 1855 de 80.934 escravos, mostrando que a atividade mineradora não tinha sido extirpada por inteiro e logo em seguida o Sul de Minas com 76.085 escravos. Entre 1800 e 1852, Minas Gerais importou mais escravos que as províncias do Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Pernambuco, só sendo superado pela província do Rio de Janeiro que tinha 25% do montante de escravos entre todas as províncias.

# AVL

## Academia Volta-redondense de Letras

---

### A PAZ NAS SENZALAS

Existiam conflitos entre escravos que viviam na África subsaariana e os que viviam aqui, com resistência contra senhores e esses escravos eram denominados malungos, porém não existia sempre uma homogeneidade social entre grupos étnicos, o que favoreceu, no surgimento de guerras silenciosas e de beligerância entre os iguais por motivos diversos, dentre esses motivos, a religiosidade ou rivalidade histórica, com uma considerável pré-disposição para o conflito citado pelo historiador Manolo Florentino.

O nígoma que tem o mesmo significado como inimigo, só foi compreendido quase no final da escravidão pelos senhores que, encontravam-se extremamente temerosos com mais uma insurreição de escravos no Brasil, sobretudo, com o apoio dos abolicionistas com o fim da escravidão. Cria-se uma falsa impressão com a brecha camponesa, podendo uma certa privacidade para os escravos e ex-escravos com a sua esposa, filhos e podendo plantar na terra do seu senhor e estabelecer uma agricultura de subsistência, mas sem ter direitos e sendo mantido na condição de escravo, criando-se uma falsa ascensão social. Nas cidades, a escrava mina eram escravas de tabuleiro que vendiam pelas ruas produtos e acumulando pecúlio para comprar escravos para elas.

Somente as minas tinham esquemas e alugavam escravas em nome de um laranja. Em Vassouras tivemos o caso da escrava América Luiza da Conceição que ganhou 10\$ (dez contos de réis), três alqueires de terra, 21 escravos por ter sido alcova do senhor, e muitas vezes, usava isso para ganhar a alforria numa condição sine qua non. A capacidade social e intelectual dos escravos para realizarem sublevações foi e está sendo fundamental para

**AVL**  
Academia Volta-redondense de Letras

---

entendermos as relações de forças entre escravos que trouxeram do continente africano seus conflitos tribais e étnicos e com os senhores que sentiram os efeitos dos levantes no Vale do Paraíba Fluminense e na Revolta dos Malês que ocorreu em 1835 na Província da Bahia devido as más condições que muitos se encontraram até mesmo após a Lei Áurea.

**BIBLIOGRAFIA:**

**SANTOS**, Adelci Silva dos. À sombra da fazenda: a pequena propriedade agrícola no século XIX. Ed Juruá, Curitiba, 2012.

**GOÉS**, José Roberto. **FLORENTINO**, Manolo. A paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, C. 1790- C. 1850. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997.

**SOUZA**, Alan de Carvalho. Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba. Paco Editorial, Jundiaí- SP, 2012.

**SALLES**, Ricardo. E o Vale era o escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2008.

**SZMRECSÁNYI**, Tamás. **AMARAL LAPA**, José Roberto do. História Econômica da Independência e do Império. Edusp, São Paulo, 2002.

**GINZBURG**, Carlo. Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

**HUNT**, Lynn. A nova história cultural. Martins Fontes, São Paulo, 1992.